

“Piazza di Spagna, 26”, de Cecília Meireles

Delvanir Lopes* 

Introdução

E os transeuntes vão vivendo o seu dia de hoje,
este dia de que mais tarde também se dirá:
“Foi há cento e tantos anos...”.
Cecília Meireles

Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964), escritora, professora e jornalista carioca do século XX, viveu obstinadamente, uma vez que deixou seus pontos de vista sobre o mundo e sobre as coisas nas mais diferentes áreas, como educação, política, literatura e religião. Detalhes que poderiam ser deixados de lado sempre adquirem relevância para a poeta. Tinha uma atenção aguçada a tudo o que presenciava e, felizmente, escrevia suas opiniões, fosse em poemas ou em artigos (conhecidos como crônicas), divulgados em livros, revistas, cartas e periódicos brasileiros.

Os artigos cecilianos são conhecidos pelo seu lirismo e pela linguagem carregada de poesia. Assim, neles, além do recurso descritivo, há o uso de metáforas, ironias e tons leves para construir narrativas que estimulem a imaginação dos leitores, de forma a oferecer uma visão particular e aguda da realidade. No caso do artigo em questão, “Piazza di Spagna, 26”, fica evidente como a poetisa consegue, em temas específicos, explorar questões universais, como a condição humana, as relações entre o sujeito e a sociedade, bem como a busca pela identidade e o sentido da vida. Cecília Meireles aborda temas que vão desde observações cotidianas até questões filosóficas, tudo com um tom introspectivo e muitas vezes melancólico. Seu estilo é marcado pela delicadeza e pela sensibilidade, conseguindo transformar o banal em algo extraordinário.

A escritora, como se sabe, ainda deixou textos que não foram publicados e que, por conta de disputas judiciais, privam os leitores de conhecê-los. Outros tantos, todavia, vez por outra são trazidos à tona pelos estudiosos cecilianos. É o caso do texto desse ensaio, que foi revelado quando, em pesquisas em hemerotecas, sobretudo de periódicos do Rio de Janeiro, num trabalho paciente de busca e leituras, foi encontrado. O segundo esposo de Cecília Meireles, o professor Heitor Vinícius da Silveira Grillo (1902-1971), contudo, já havia sinalizado a existência desse artigo quando, no livro póstumo da autora carioca, *Poemas Italianos* (MEIRELES, 1968 – organizados por Edoardo Bizzarri em edição bilíngue), relacionava-o ao poema “Write in water”. E, como sugerido pelo seu marido nesse mesmo livro (ele que a esteve acompanhando na Itália), os poemas escritos tinham relação direta com momentos da viagem vivenciada, daí estarem conectados aos artigos, como extensão deles.

* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professor da Faculdade de Tecnologia em Aviação Civil (EJ), Itápolis, São Paulo, Brasil. Professor da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP), São Paulo, Brasil. *E-mail*: rinavledsepol@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6652-8577>.

Cecília Meireles, que esteve em terras italianas junto com seu marido entre março e abril de 1953, deixou no jornal *Diário de Notícias*, anos após, suas impressões sobre o itinerário realizado. O texto ora apresentado e analisado neste artigo não se encontra entre as tantas crônicas cecilianas já elencadas em obras como as organizadas pelo professor Leodegário de A. Azevedo Filho (1927-2011). “Piazza di Spagna, 26”, de 1955 foi, em pesquisa própria, encontrada no acervo do periódico carioca, e não publicada, portanto, em livros.

Serão analisados aqui os dados presentes nesse texto e elencados por Cecília Meireles, buscando esclarecer e amplificar a compreensão da forma mais clara possível, além do modo como se deu a visita ao apartamento do escritor romântico inglês – John Keats (1795-1821) e o que pôde ser experimentado pela escritora carioca naquele ambiente tão caro a ela. Uma observação a ser feita é que na transcrição do texto “Piazza di Spagna, 26”, a ortografia acompanha aquela do ano de sua escrita.

Em Roma – Piazza di Spagna, Keats e Barcaccia

Depois da viagem à Índia, Cecília e Heitor chegaram a Roma e foram acompanhados, de início, por Mercedes La Valle, amiga da escritora. Estiveram em uma série de lugares da Itália, mas, nesse ensaio, o ponto principal de estudo é a Praça da Espanha, no *rione Campo Marzio*, em Roma, justamente por ser o local visitado e o motivador da escrita do texto. Em *Nostalgie Romane* (1991) é a própria Mercedes La Valle quem narra os lugares visitados no início da primavera em Roma:

Iniciamos os nossos passeios entre as igrejas e as pedras das ruínas seculares. Fomos ao longo do Tevere que corria lento e solene. Entramos na Villa Borghese. O Giardino del Lago estava azul de hortênsias, rico de plantas seculares, cheio de sombras e de mistérios. Realizado o desejo de Cecília de imergir na primavera romana, dirigimos os nossos passos em direção à Poesia, visitando, na piazza di Spagna, a casa onde o poeta inglês John Keats havia morado na Itália, ainda adolescente, na tentativa vã de recuperar a saúde [...].¹ (MEIRELES, 1991, p. 9, tradução nossa).

A escritora esteve hospedada em um hotel que ficava ao lado da *Villa Borghese* e das escadarias da *Piazza di Spagna*, por isso, talvez, um dos primeiros lugares em que iniciou o seu itinerário pela cidade eterna foi visitando o apartamento em que moraram o poeta inglês John Keats (1795-1821), escritor da segunda geração romântica inglesa, e o pintor retratista e amigo Joseph Severn (1793-1879).

Ambos chegaram à Baía de Nápoles – provenientes da Inglaterra – em 21 de outubro de 1820 – e foram colocados em quarentena durante dez dias devido a um surto de cólera que havia no país de origem. Permaneceram em Nápoles por uma semana antes de partirem para Roma em uma pequena

¹ *Iniziamo le nostre passeggiate fra le chiese, i pini e le pietre dei ruderi secolari. Andammo lungo il Tevere che scorreva lento e solene. Entramo a Villa Borghese. Il “Giardino del Lago” era azzurro di ortensie, ricco di piante secolari, pieno di ombre e di misteri. Realizzato il desiderio di Cecília di immergersi nella primavera romana, dirigemmo i nostri passi verso la Poesia, visitando, a piazza di Spagna, la casa dove il poeta inglese John Keats aveva abitato giungendo in Italia, ancora adolescente, nel vano tentativo di recuperare la salute [...].* (MEIRELES, 1991, p. 9).

carruagem, aonde chegaram em meados de novembro e conheceram o médico de Keats, Dr. James Clark (1788-1870). Cecília Meireles recorda o episódio: “A linda casa é a sua definitiva casa – deles e de Severn, o amigo fiel, que sofreu, lado a lado, a agonia do poeta, desde a sua partida da Inglaterra – no barco de saudade, na quarentena de Nápoles, na viagem de Nápoles a Roma...” (MEIRELES, 1955, p. 4).

Na cidade, foram habitar no apartamento 26 da *Piazza di Spagna*², no canto inferior direito da Escadaria Espanhola e com vista para a famosa fonte da *Barcaccia*. Severn foi o amigo que acompanhou toda a angústia do jovem poeta até a morte. A chegada à Itália e outros fatos importantes da breve existência do poeta Keats são rememorados pela autora carioca:

Será pouco, sentir-se este moço cheio de imaginação e de ritmo, de amor e de verdadeiro dom poético chegar a um país como a Itália, onde tudo parece estar cantando mil histórias, e, apesar de tão novo, já não poder dizer mais nada, já não poder ouvir mais nada senão a presença da morte que, mais poderosa que a distância, o afastaria daquele amor juvenil – amor que hoje parece apenas uma alegoria, um sonho de configuração humana, um desenho parado nas brumas frias da Inglaterra? (E pensar que aquilo foi um dia a própria vida do poeta! [...]) (MEIRELES, 1955, p. 1).

A escritora de *Solombra* (MEIRELES, 1963) demonstrou conhecimento aprofundado sobre o poeta romântico inglês, fornecendo dados que sempre a comoveram, principalmente o fato de que nele, apesar de jovem e cheio de vida, havia continuamente a morte rondando até que ela o venceu. Por isso, compreende que são poucos, mas densos anos. Nesse pequeno fragmento, fica claro que a história de amor, quase clichê, quase irreal, que o poeta romântico inglês teve com Fanny Browne (1800-1865), ocupa um lugar especial em sua vida. Nas palavras de Meireles, “hoje parece apenas uma alegoria”, ou seja, trata-se de uma relação que ao mesmo revela-se pela intensidade e fragilidade do amor romântico. Era um amor sempre à beira da tragédia, refletindo sobremaneira a efemeridade e a beleza transitória da vida e mesmo do amor, temas tão recorrentes no fazer poético de Cecília Meireles.

Confirmam essa compreensão outras definições para esse amor, propostas pela autora carioca, profícua em criar imagens poéticas que ressoassem com a profundidade emocional e a complexidade das experiências humanas – “um sonho de configuração humana, um desenho parado nas brumas da Inglaterra”, metáforas profundas para indicar o amor idealizado e inalcançável, sucessivamente envolto em névoas de incerteza e dubiedade. Os textos de Keats acabam por refletir a sua conturbada e curta vida, como o desejo de escapar da mortalidade e da dor pela poesia ou seu medo de morrer jovem. Por isso, Cecília Meireles completa que muitos dos versos do romântico inglês “foram feitos de lágrimas, de agonias, de esperanças, ora luminosas ora desfalecentes!” (MEIRELES, 1955, p. 1).

A escritora carioca também se referiu aos anos em que John Keats viveu em Hampstead (cidade do Reino Unido). Acredita-se que foram os mais produtivos de Keats. Foi de lá que escreveu, em outubro

² A *Piazza di Spagna* (Praça da Espanha, em Roma) chamou-se *Piazza di Francia* até o século XVII, quando teve seu nome alterado em razão da instalação do *Palazzo di Spagna* (Palácio da Espanha), que é a sede da embaixada da Espanha junto à Santa Sé.

de 1818, a carta ao seu irmão George Keats (1797-1841), com a famosa frase: “*I think I shall be among the English Poets after my death* [Acho que estarei entre os poetas ingleses depois da minha morte]” (KEATS, 2011, p. 171). Assim, apesar de, com seus poemas, não ser bem recebido pela crítica, Keats anteviu que teria um lugar especial entre os escritores ingleses, embora, naquele momento, não parecesse acreditar muito, com tantos projetos a realizar e sentindo a vida esvaindo-se aos 25 anos. Contudo, passados mais de 200 anos, ele continua com um papel consolidado dentro da literatura inglesa e mundial, com destaque para as suas odes.

Foi também em Hampstead que John Keats conheceu, apaixonou-se e tornou-se noivo de Frances “Fanny” Brawne, que habitava em casa próxima, com a família. Sobre esse episódio, Cecília Meireles recordou, por conseguinte que, além das mortes e dificuldades experimentadas pelo escritor, como a orfandade, houve a perda de seu grande amor quando, depois de um noivado secreto em 1819, abandonou a cidade e partiu para Roma para cuidar da saúde. É a escritora de *Poemas Italianos* sendo mestra, explicitando os dados, mostrando que a vivência naquele pequeno aposento foi o suficiente ao poeta para imprimir ao local a história de sua breve existência.

Há outros elementos enumerados no ambiente italiano que Meireles relaciona à história do jovem Keats. Ela mesma afirma que há simbologia presente tanto na *Scalinata di Spagna* que leva à Igreja *Trinità dei Monti*, quanto na Fonte da *Barcaccia*, representando um barco semiafundado, simples e com água caindo singelamente. Reflete a escritora brasileira sobre a escadaria e a fonte em forma de barco, sempre associando-os alegoricamente à vida do jovem autor moribundo:

Diante das velhas escadas, sempre me pergunto de que tamanho seriam as pernas dos nossos antepassados, para galgarem normalmente êstes degraus que nos parecem tão difíceis. [...] Aqui, particularmente, detenho-me a pensar como aquele moço tão doente, [...] teria subido por esta casa, já tão sem fôlego, com vida apenas para três meses (MEIRELES, 1955, p. 1).

Embora Cecília Meireles seja conhecida por sua poesia introspectiva e melancólica, percebe-se, na citação, um lado mais leve e bem-humorado ao comentar sobre o tamanho das pernas dos antepassados para subirem, com passadas largas, aquela escadaria. A autora de *Poemas Italianos* coloca-se no lugar do poeta inglês, captando suas emoções e perspectivas, imaginando a dificuldade que poderia ter, por causa da tuberculose, em subir aqueles tantos degraus. Em outro momento ela descreve o que Keats via quando na janela do pequeno apartamento, também buscando a compreensão mais profunda da condição humana:

Olho a paisagem, pela janela. As coisas que êle viu nesta praça que não deve ter mudado muito. A escadaria que sobe e que se perde na altura. A barca, de Bernini, parada, em baixo – essa estranha fonte. Como podiam estar todos êsses símbolos conciliados, em redor de um poeta moribundo? Como se a barca esperasse, para a viagem final. Como se a escada o convidasse para a definitiva subida. E ali morria. (MEIRELES, 1955, p. 1).

A escadaria – com 135 degraus – somente começou a ser construída a partir de 1723 pelo arquiteto Francesco de Sanctis (1679-1731) para ligar a Igreja *Trinità dei Monti* à praça de baixo. A escadaria em

estilo barroco foi finalizada em 1725 e inaugurada pelo sumo pontífice Bento XIII (Pietro Francesco Orsini – 1649-1730).

No início da escadaria da *Piazza di Spagna* fica a *Fontana della Barcaccia*, esculpida por Pietro Bernini (1562-1629) e seu filho Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) e inaugurada em 1627. É considerada uma das mais simples e tem o aspecto de um barco afundando, construída abaixo do nível da praça. Uma das explicações para o aspecto da fonte diz que um barco ficou encalhado no local por causa de uma inundação do rio Tibre, em 1598. A fonte seria uma recordação do episódio. Ela foi encomendada pelo papa Urbano VIII (Maffeo Barberini – 1568-1644), por isso há sóis e as três abelhas esculpidas na estrutura da barcaça, uma vez que estes símbolos fazem parte do brasão da família do pontífice, os Barberini.

Cecília Meireles explica em seu texto qual a simbologia desses dois elementos reunidos em torno do poeta prestes a morrer, na casa situada próxima à *Piazza di Spagna*. A barca que aguarda, ancorada, para a viagem definitiva lembra o mito de Caronte e a travessia e transitoriedade da existência. Do mesmo modo a escadaria “que sobe e se perde na altura” pode simbolizar a transição de um estado para outro, seja físico, emocional ou espiritual. Assim, esses elementos evocam uma atmosfera de melancolia e reflexão que a morte iminente de Keats provoca. Destaca-se a ironia e a beleza trágica de um cenário tão grandioso e cheio de significado ao redor de alguém que está morrendo. A barca espera “para a viagem final” e a escada convida “para a definitiva subida” reforçando a ideia de que Keats está à beira de sua última jornada, tanto física quanto espiritualmente.

John Keats, que morou com o pintor Joseph Severn (1793-1879) ao lado da famosa escadaria e faleceu em 1821, gostava de ouvir o som das águas da *Fontana della Barcaccia* quando estava doente, para acalmar-se. Alguns críticos acreditam que tal som inspirou o seu epitáfio. Keats foi enterrado em Roma, no Cemitério Acatólico³ e o texto completo em seu túmulo não traz o seu nome, já que foi escrito na água, efêmera e, portanto, indica a aceitação de que tudo passa, independente da vontade dos indivíduos: “Este túmulo contém tudo o que foi mortal de um jovem poeta inglês que, em seu leito de morte, na amargura de seu coração, diante do poder malicioso de seus inimigos, desejou que estas palavras fossem gravadas em sua lápide – ‘Aqui jaz aquele cujo nome foi escrito na água.’”⁴. A visita ao túmulo do *Young English Poet* inspirou a escrita do poema “...Writ in water...”, que está no livro póstumo de Cecília Meireles, *Poemas Italianos*, publicado em 1968. Este poema reflete a sensibilidade de Cecília Meireles ao capturar a efemeridade da vida e a imortalidade da arte, utilizando a metáfora da água para simbolizar a passagem do tempo e a memória do poeta.

³ O local é chamado de *Cimitero degli inglesi, Cimitero Protestanti*. O nome oficial, entretanto, é *Cimitero Acatolico*, pois não abriga somente ingleses ou protestantes. Cecília Meireles se refere ao lugar como Cemitério Protestante, como se lê em “À sombra da Pirâmide de Cestius” – “Quem esteve em Roma e não visitou o Cemitério Protestante não é poeta, nem jamais amou à (sic) Poesia.” (MEIRELES, 1955, p. 1). Entre as personalidades sepultadas no lugar, além dos poetas citados pela escritora carioca, estão: Carlo Emilio Gadda (1893-1973), escritor italiano; Antonio Gramsci (1891-1937), filósofo italiano; e Joseph Severn (1793-1879), pintor inglês.

⁴ “This grave contains all that was mortal, of a young English poet, who, on his death bed, in the bitterness of his heart, at the malicious power of his enemies, desired these words to be engraven on his tomb stone – ‘Here lies one whose name was writ in water.’”

Há um nome nas águas:
– um nome de poeta.
Um nome nas fontes
cantantes de Roma,
líquida pulseira
das ninfas de pedra.

[...]

Há um nome nas águas.
Há o teu nome, Poeta.
Breve assinatura
nas ondas do tempo.
Letra da alma, rápida,
em página eterna.
(MEIRELES, 1968, p. 91).

Há que se mencionar ainda o *Obelisco Sallustiano*, um dos existentes em Roma, e que também é lembrado pela poetisa carioca, pois localiza-se à frente da Igreja *Trinità dei Monti*. Foi levado ao local em 1789 e imita o estilo dos obeliscos egípcios. Inicialmente o colocaram nos Jardins de Salústio (daí o seu nome). As inscrições foram feitas após o transporte e são uma cópia daquelas que há no obelisco da *Piazza del Popolo*, mas traz erros. Junto com as torres da Igreja, os obeliscos reforçam a ideia de elevação indicada pela escadaria, e também a busca incessante pela proteção e possibilidade de uma vida imortal, eternizada, no caso do jovem escritor, na poesia.

Desse modo, pode-se pensar no conjunto dos monumentos do lugar e imaginar o sentido que eles adquirem quando relacionados à vida e morte de John Keats. É Cecília quem esclarece novamente, fechando esse raciocínio: “A ‘Barcaccia’ espera sempre, a ‘Barcaccia’ apenas de água tripulada... A escadaria sobe, eleva-se, voa para o obelisco e as torres da Igreja, singularmente associados.” (MEIRELES, 1955, p. 4).

O apartamento onde estiveram Keats e Severn não foi um local de produção literária para o escritor, uma vez que após a vinda da Inglaterra, foram três meses de sofrimento até a sua morte pela tuberculose. Quando faleceu, seus pertences foram queimados por causa da doença, inclusive as cartas de amor que recebera de Fanny, como era o costume na época. Sabendo disso, a escritora Cecília Meireles (1955, p. 1), quando descreve o aposento do jovem poeta, afirma: “O quarto é pequeno, – estreito e comprido, – mas alto: leves flores de azul muito brando, no teto. Uma brancura geral de estuque, de gesso fôsko, – e uma lareira ou consolo de mármore branco, – que não sei se é daquele tempo”.

A casa, em 1906, foi transformada em memorial depois de ser adquirida pelo poeta americano Robert Underwood Johnson (1853-1937). No local há manuscritos, cartas, esculturas, pinturas e objetos relativos a outros escritores do Romantismo inglês, como Lord Byron, Elizabeth Barrett (1806-1861) e Robert Browning (1812-1889), Oscar Wilde (1854-1900) e Percy Bysshe Shelley (cujo nome está na casa, mas que não morou no local). Há também uma réplica da cama e uma máscara mortuária de Keats como uma lembrança da sua trágica história.

Keats – aprofundando a curta história

John Keats, pelo que se sabe, a partir de 1809, quando era um adolescente de 14 anos, passou a se interessar pela mitologia e história, o que de fato o levou até a literatura. Em 1811 fez uma tradução em prosa do livro *Eneida*, de Virgílio (Públio Virgílio Maro ou Marão (70 a.C.-19 a.C.)). Ele, que chegou a formar-se em farmácia e exercer por algum tempo a profissão, abandonou-a definitivamente em 1816 para dedicar-se à poesia. Suas obras e textos, porém, não foram bem recebidos pela maior parte dos críticos, o que se tornava um incentivo para que ele continuasse a escrever com mais afinco. No mesmo ano ainda conheceu Percy Bysshe Shelley (1792-1822), mas não se tornaram muito próximos. Cecília Meireles listou todos esses momentos biográficos com frases curtas no artigo que ela escreveu ao jornal *Diário de Notícias*, “Piazza di Spagna, 26”.

Relembro sua vida, curta e dolorosa. Sua paixão de adolescente pela mitologia. Seu encontro com a “Eneida”, que traduziu aos quinze anos. (Ah! Vergílio, sempre Vergílio, a nutrir os grandes poetas do mundo) Suas primeiras tentativas de poesia, já tão altas, para um adolescente. Seu encontro com Shelley. A admiração de alguns amigos prestimosos. A malignidade da inveja. Seu trabalho obstinado. (MEIRELES, 1955, p. 1).

A escritora lembra o fato de Keats vir da Inglaterra já como um ser “póstumo”, o que leva à sua relação com Fanny Brawne, o grande amor do jovem: “Aqui, particularmente, detenho-me a pensar como aquele moço tão doente, tão carregado de aflições e de saudades, vindo da Inglaterra já como um ser ‘póstumo’ [...]” (MEIRELES, 1955, p. 1). Eles se encontraram em 1818, quando ele habitava em Hampstead. Discutiam literatura e política porque ela era uma mulher articulada, falava francês e alemão e era admiradora de Shakespeare e Byron. Keats se apaixonou pela moça e a pediu em casamento em 18 de outubro do mesmo ano e ela aceitou prontamente. O noivado, porém, ficou em segredo.

Em 1820, no mês de fevereiro, Keats passou a ter tosse acompanhada de sangue, o que indicava piora na sua doença, a tuberculose. A ida à Itália foi recomendada, por ter um clima mais ameno, o que poderia ser de alguma ajuda em sua busca pela cura. Fanny e a mãe dela chegaram a cuidar do escritor por algum tempo. A Sra. Brawne prometeu que o casamento entre os jovens se realizaria assim que Keats retornasse das terras italianas. A despedida, que se deu em 13 de setembro, foi extremamente dolorosa para os apaixonados e entendida por alguns críticos como se fosse a entrada do poeta em sua existência posterior, quando, finalmente teria seu legado literário devidamente reconhecido, afinal o jovem escritor sabia que, provavelmente não se veriam novamente.

Cecília Meireles capta a essência do amor idealizado existente entre ambos, em que os amantes não percebiam a distância ou barreiras que podiam existir entre eles – “ó destino dos pobres amantes sem adivinhação”. É uma perspectiva romântica e poética do amor, considerado idealizado e causador de sofrimento.

E o amor. O amor cheio de tanto encantamento, tão deslumbrado que nem imagina a distância que vai de si ao seu objeto. Como poderia a amada Fanny descobrir que aquele apaixonado noivo já era um grande poeta, e suas palavras seriam dedicadamente recolhidas, meditadas,

estudadas, e que ficariam aqui neste Museu, neste quarto que o viu morrer, seus escritos, suas máscaras, sua vida eternizada...? Oh, destino dos pobres amantes sem adivinhação! Pois aquele John Keats, aquele rapaz travesso que só queria rabiscar poesia, e que a amava tão ternamente, e que só se deixou arrancar ao seu amor para procurar na Itália a vida que lhe ia faltando – ia ser uma celebridade, que gente de longe, comovida até as lágrimas, visitaria, no Cemitério Protestante, ou nesta casa, quando passasse por esta cidade de Roma, tão abundante de outras coisas inesquecíveis? (MEIRELES, 1955, p. 1).

O poema *Endymion*⁵, de Keats, é uma obra épica extensa, composta por quatro livros e contendo mais de 4000 linhas no total e causa admiração da escritora carioca, pois escreve: “Quantos jovens poetas de vinte e dois anos seriam capazes de ter escrito esse poema que se chama ‘Endymion’?” (MEIRELES, 1955, p. 1). Os primeiros versos desse poema de 1818 também são lembrados por Cecília Meireles: “O que é belo há de ser eternamente uma alegria, e há de seguir presente”, conforme tradução de Augusto de Campos.” (KEATS, 2009). No grande poema o poeta romântico inglês trata das belezas da natureza e arte, como se fossem portos seguros para fugir dos problemas mundanos e incentivos à vida. Esse trecho, que reflete a crença romântica na imortalidade da beleza, é frequentemente citado e admirado por sua rica linguagem e ritmo.

Os primeiros versos do extenso poema de Keats parecem ser uma metáfora dirigida ao próprio escritor, como se este estivesse em um sono sem fim, como se indicassem a lembrança de algo que não tinha acontecido ainda, mas que ele parecia desejar: viver na posteridade, tornar-se um grande escritor, reconhecido pela sua paixão pela poesia. Endimião e a figura do poeta se cruzam:

‘Endymion’ está na parede, na bela, fluida, inteligente letra do seu imortal autor. E ninguém se parece mais com a figura da lenda que o próprio poeta morto, adormecido tão jovem, na sua singular beleza: e de sua máscara mortuária exala-se uma luz que parece mesmo a da Lua enamorada, pairando eternamente sôbre o seu sono. (MEIRELES, 1955, p. 1).

A escritora carioca acrescenta: “Aperta-me o coração, quando transponho esta porta: como se houvesse um milagre, e fosse possível encontrá-lo. Como se acabasse de escrever: ‘A thing of beauty is a joy for ever’ – e tivesse pôsto os dois pontos, e fosse prosseguir...” (MEIRELES, 1955, p. 1). Isso porque no texto original o verso termina com dois pontos, quando o eu lírico afirma que a natureza atemporal da beleza, que traz alegria aumentará para sempre, bem como a poesia de Keats, que enfrentaria um hiato, uma parada momentânea, mas que continuaria, perduraria, aumentaria indefinidamente. Assim são os versos originais:

*A thing of beauty is a joy for ever:
Its loveliness increases; it will never
pass into nothingness; but still will keep*

⁵ Endimião faz parte da mitologia grega. Em uma das versões sobre o deus pagão, era tido como um rei ou pastor que se apaixonou pela deusa da lua, da beleza, Selene. Ela corresponde ao amor e teria pedido a Zeus que concedesse a Endimião um desejo. Como ele era extremamente belo, escolheu dormir eternamente para manter sua beleza e mocidade.

*a bower quiet for us, and a sleep
full of sweet dreams, and health, and quiet breathing.*⁶
(CAMPOS, 2009).

A poetisa, ao olhar para a máscara mortuária do jovem poeta inglês e comparar com a mitologia de Endimião, reflete novamente: “Também a máscara parece pronta a abrir os olhos, e sentem-se os lábios, cheios de versos, como se um pequeno sôpro os fizesse falar...” (MEIRELES, 1955, p. 1). A máscara mortuária de Keats assinala uma estranha presença-ausência, simbolizando a luta entre a vida e morte e tornando-se alegoria do amor pela beleza ideal e estética. É como se o poeta, a qualquer momento, pudesse despertar, voltar a respirar a poesia, ter a saúde restabelecida. Cecília Meireles entende que o poeta conseguiu o seu intento e, ainda que em sono profundo – como Endimião – teve na sua curta e intensa produção literária, alcançado a imortalidade e a perenidade da poesia.

Cecília Meireles relaciona a possibilidade da beleza eterna à efemeridade da existência do escritor inglês que, segundo ela, “só queria rabiscar poesia”, numa analogia com outro poema de John Keats, chamado “Uma canção sobre mim”⁷, enviado em carta escrita à sua irmã Fanny Keats, datada de 2 de julho de 1818: “Tenho tantas interrupções, que não consigo preencher uma carta em um dia – desde que rabisquei a canção [Meg Merrilies], percorremos um lindo país para Kircudbright – onde escreverei para você uma canção sobre mim.”⁸ (KEATS, 2011, p. 121, tradução nossa). A canção seria esta:

*The was a naughty boy
And a naughty boy was he,
For nothing would he do
But scribble poetry*⁹
(KEATS, 2011, p. 121).

Por fim, conclui Meireles que estar naquele ambiente provoca emoções paradoxais, misturando a alegria com a tristeza. Há um limiar entre a vida e a morte, permanência e eternidade, ou seja, nada daquilo parece estar realmente morto, porque a poesia sobrevive sempre:

O visitante que chega aqui sente-se dividido por duas emoções: uma, de saudade quase triste, por saber quanto se sofreu neste pequeno aposento, e como foi breve esta vida, que se desejaria longa e vitoriosa; outra, de felicidade, por sentir que nada disto está morto, que a poesia verdadeira é uma coisa sem limites, sem fim, livro do tempo e dos homens, só comparável à própria alma (MEIRELES, 1955, p. 4).

⁶ O que é belo há de ser eternamente / Uma alegria, e há de seguir presente. / Não morre; onde quer que a vida breve / Nos leve, há de nos dar um sono leve, / Cheio de sonhos e de calmo alento. (CAMPOS, 2009).

⁷ *A song about myself.*

⁸ *I have so many interruptions, that I cannot manage to fill a Letter in one day—since I scribbled the song [Meg Merrilies] we have walked through a beautiful Country to Kircudbright—at which place I will write you a song about myself* (KEATS, 2011, p. 121).

⁹ Havia um menino travesso / E ele era um menino travesso, / Por nada ele faria / Exceto rabiscar poesia (KEATS, 2011, p. 121, tradução nossa).

A escritora brasileira percebe a vida em meio a tantos objetos e recordações do poeta inglês que viveu pouco mais de duas décadas. Pode-se inserir nesse contexto a memória, outro tema recorrente na obra de Cecília Meireles, sendo associada, nesse caso, a sentimentos de nostalgia, saudade e reflexão sobre o passado e, ao mesmo tempo, à ressignificação do presente. Desse modo é que todos os objetos do aposento a fazem refletir na natureza efêmera da existência, embora possibilitem, paradoxalmente, também a permanência. Nesse sentido, as lembranças presentes no aposento de John Keats permitem a compreensão da própria poeta e a construção de sua identidade, já que sua obra ecoa a melancolia e a contemplação da natureza, assim como o estilo lírico e introspectivo, marcas registradas dos românticos ingleses. Por isso o tempo está eternizado, parado, absorto naquele pequeno ambiente.

O limiar entre vida e morte, a aparência e a realidade, a efemeridade e a durabilidade são possíveis pela poesia, que destrói o tempo e permite alcançar o desejo do escritor, estar entre os grandes poetas ingleses. Assim é a poesia de Keats, considerada “verdadeira” por Meireles, por não ter limites, por estar além da temporalidade humana, portanto somente comparável à eternidade da alma. A ideia evocada é a da mudança mágica, assim como é o mistério da vida e morte. Corroboram essas imagens os versos do escritor Rainer Maria Rilke (1875-1926) retirados do poema “*On the drawing depicting – John Keats in death*” – “Jovem boca, jovem boca, eternamente resignada”¹⁰. Cecília Meireles utiliza uma tradução em inglês para demonstrar a aceitação do poeta pelo seu destino, como se aguardasse a morte sem revolta.

O tema da comunicação relaciona-se à frase de Rilke e, conseqüentemente, com o poeta Keats. A imagem da boca que não fala, mas que paradoxalmente, comunica, parece encerrar essa metáfora. Reforça tal ideia Cecília Meireles ao retomar a imagem da máscara mortuária do jovem poeta romântico: “Também a máscara parece pronta a abrir os olhos, e sentem-se os lábios, cheios de versos, como se um pequeno sôpro os fizesse falar...” (MEIRELES, 1955, p. 1). A brevidade da existência aliada aos sofrimentos vividos, o sentimento de incapacidade de mudar as circunstâncias, a resignação diante dessas condições comunicam lições espirituais.

Shelley

Cecília Meireles se lembra, em seu texto, de Percy Bysshe Shelley (1792-1822), escritor romântico inglês que também teve uma vida conturbada. Shelley tem seu nome associado a outros escritores: Keats, Lord Byron (George Gordon Byron – 1788-1824) e, sobretudo, sua segunda esposa, Mary Wollstonecraft Godwin (1797-1851), autora de *Frankenstein: or the Modern Prometheus* (1818). Contudo, ele é um dos mais significativos poetas românticos da Inglaterra, especialmente pelos longos poemas “*Prometheus unbound*” e “*Adonais*” (elegia para Keats), entre outros. Casou-se em 1811 com Harriet Westbrook (1795-1816). No entanto, fugiu para a França em 1814 com Mary Godwin (conhecida pelo sobrenome Shelley) casando-se com ela em 1816, no mesmo ano em que Harriet suicidou-se.

No início de sua vida literária, Shelley mostrou um espírito rebelde ligado ao ateísmo e linguagem gótica. Depois, já na universidade de Oxford escreveu poemas antimonarquistas e contra a guerra, o que

¹⁰ “Retratando no desenho – A morte de John Keats” – “*Young mouth, young mouth eternally resigned*” (RILKE, 1975, p. 49).

causou a sua expulsão. *Queen Mab* (1813) é um longo poema que exemplifica esse período, no qual ele ataca a guerra, a monarquia, a igreja, o casamento, entre outros temas. Desse modo, o escritor inglês, por seu ponto de vista radical, foi admirado pelos movimentos trabalhistas ou pelos socialistas. Porém literariamente, alguns críticos chegaram a afirmar que seu lirismo era superficial, com poemas de pouco valor literário.

Como sofria de problemas de saúde, incluindo doenças respiratórias, foi-lhe recomendado o clima da Itália para que se recuperasse, para onde foram em 1818. Além disso, a Itália oferecia a possibilidade de fuga das críticas e de mais liberdade, além de ser um ambiente inspirador para sua poesia e criatividade. Moraram em várias cidades italianas e o poeta inglês escreveu bastante durante todo esse período. Edward John Trelawny (1792-1881) e Byron (que também morava na Itália) faziam parte do círculo de amigos dos Shelley. Em julho de 1822, de Pisa a Livorno, Percy Shelley e mais duas pessoas faleceram quando, em viagem de volta para casa, partiram no meio de uma tempestade, o barco (chamado de Ariel por ele) virou e afundou no Mar Lígure. O corpo do escritor, que iria completar 30 anos, foi encontrado na costa perto de Via Reggio em 8 de julho daquele ano, por Trelawny.

Shelley foi identificado porque trazia num bolso uma edição de Sófocles e no outro poemas de John Keats. Na praia o corpo do poeta foi enterrado (segundo a lei da época), depois desenterrado e cremado no próprio lugar. Na pira, as únicas partes não consumidas pelo fogo foram alguns fragmentos de ossos, da mandíbula e do crânio, além do coração que permaneceu intacto e foi retirado por Trelawny. Sobre esse acontecimento, escreve Cecília Meireles:

Há lembranças do generoso Shelley: uma triste lembrança, esta, de um pedaço de osso, que alguém recolheu da sua pira. (Ontem, disseram-me que seu coração estava enterrado em Roma; hoje, dizem-me que foi levado para Londres, pela sua mulher. Nunca se sabe nada com muita segurança... [...]) (MEIRELES, 1955, p. 1).

O coração ficou primeiramente com James Henry Leigh Hunt (1784-1859) e depois foi entregue à esposa do poeta, Mary, que afirmou teve o coração enterrado consigo quando faleceu. Finalmente as cinzas foram depositadas no Cemitério Acatólico, ao lado do túmulo de John Keats, com a inscrição em latim *Cor Cordium* (“coração do coração”) e uma referência à sua morte no mar, com alguns versos de “Ariel’s Song” de *A Tempestade*, de William Shakespeare (1564-1616): “Nada dele desaparece / Mas sofre uma mudança radical / Em algo rico e estranho.”¹¹

No texto “Piazza di Spagna, 26”, Cecília Meireles relaciona Ariel¹² ao poeta Percy Shelley, como na relação sugerida na lápide do túmulo do poeta. O próprio escritor inglês via Ariel como um símbolo de liberdade e de espírito indomável, características que ele admirava e com as quais se identificava. Em suas cartas e escritos, Shelley mencionava Ariel como uma figura que representava sua própria busca

¹¹ *Nothing of him that doth fade / But doth suffer a sea-change / Into something rich and strange.* (SHAKESPEARE, 1996).

¹² Ariel é um espírito do ar, tem poderes mágicos e busca pela sua liberdade. Foi aprisionado pela bruxa, mãe de Caliban, em uma árvore por se recusar a fazer algumas tarefas consideradas por ele ruins. Próspero, outro bruxo e ex-duque de Milão, o liberta, mas o transforma em seu servo. Enfim é realmente liberto quando Próspero deixa a ilha.

pela liberdade e transcendência. A escritora carioca nomeia os poetas Keats e Shelley alegoricamente de Endimião e Ariel respectivamente, como ela mesma deixa claro.

E foi bom que isto aconteceu em Roma, esta cidade de mitos e fábulas, com seus deuses e imperadores, suas grandezas e suas ruínas, seus mistérios humanos e divinos. Foi bom que ficassem aqui Endimião e Ariel, como se na verdade não tivessem existido, deixando-nos, apenas, sonhar que existiram, amaram, sofreram e escreveram – tudo em termos de alegoria (MEIRELES, 1955, p. 4).

Roma, rica em cultura e história, chamada de “a cidade eterna”, tem seus “mistérios humanos e divinos”, uma vez que une as duas figuras tão importantes para o Romantismo inglês. Cecília Meireles os torna quase míticos, em que todos os acontecimentos de suas vidas permanecem como alegorias, já que carregam múltiplas camadas de significado, tais como a busca pela beleza ideal, fragilidade efemeridade da vida, imortalidade conquistada pela arte e a luta pela liberdade, também justiça e ideais elevados, mesmo diante de adversidades.

Para a escritora carioca, Keats aparentemente dorme, porém não está morto. A beleza que sua poesia representa dura para sempre, é expandida e não desaparecerá. Shelley, identificado com Ariel, é o espírito aéreo e passível de metamorfoses em ar, água e fogo, continuamente buscando a liberdade. Evidencia-se que, como nos versos de William Shakespeare, o que existe é a transformação sempre nova e surpreendente e não o desaparecimento.

Não se ousa dizer nada: Endimião dorme. Pensa-se, apenas – pensa-se com extrema delicadeza nessas vidas mitológicas de Endimião e de Ariel que, tão longe de sua terra de nascimento, viriam descansar juntas, depois de tantas tempestades e fadigas (MEIRELES, 1955, p. 4).

Como personagens da mitologia, Endimião e Ariel (respectivamente John Keats e Percy Shelley) são associados à noite e à beleza intelectual. Sobre eles o que deve haver é uma reflexão cuidadosa sobre suas jornadas e desafios. Ambos se relacionam a histórias de amor, imortalidade e têm conexão com o divino. Os poetas, na busca pela saúde em terras italianas, terminaram precocemente suas vidas e foram “descansar”, nas palavras da escritora, juntos, no Cemitério Acatólico, em Roma.

Importante lembrar que, apesar de estarem vivendo na mesma época literária, o Romantismo inglês, Shelley e Keats tiveram uma amizade breve devido às suas mortes prematuras. Portanto, o museu localizado na *Piazza di Spagna, 26*, apesar de chamar-se “Keats-Shelley House” não indica que ambos tenham habitado no local, mas sim uma homenagem aos poetas, além de outros escritores da época.

Assim declara Cecília Meireles (1955, p. 4) ao terminar a sua visita:

Este é um dia para ser amado: ninguém perturba a nossa contemplação, ninguém nos mostra nem explica. Visitamos esses jovens amigos como se também não tivéssemos corpo nem voz. Descemos esta escada tão difícil, inesquecível em cada degrau. O ar da rua não dissipa o mistério doce e amargo que trazemos nos olhos e no coração.

Foram momentos de contemplação, em uma experiência pessoal e introspectiva. Em comunhão espiritual com os mortos, é como se também ela não tivesse voz nem corpo, em que a presença física é irrelevante. É hora e descer as escadas, de retomar a vida, lembrando do caminho árduo e memorável da vida e da criação poética dos dois jovens. Portanto, cada instante vivido representou um impacto na escritora brasileira que jamais se dissipará, em tudo o que presenciou e em toda emoção que sentiu.

Piazza di Spagna, 26

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1955, Suplemento Literário, p. 1 e p. 4. (Grafia da época).

Este dia, de fria primavera, ficará para ser amado sempre: a luz é a mais discreta, dêste formoso céu italiano: o ar, perfumado por êstes ramos de todas as cores que a florista dispõe na sua barraca. Mesmo as jovens turistas que se deleitam pela escadaria de Trinitá dei Monti pode ser que gostem de poesia, pode ser que saibam (devem ter lido a placa, ao menos, e talvez – por que não? possam ter lido os seus versos) que ali, junto àqueles degraus, num pequeno quarto daquela casa ruiva morreu, em 1821, um jovem de vinte e cinco anos que não chegou a saber que importância teria para o mundo sua obra, realizada sempre em tão precárias circunstâncias: “I think I shall be among the English Poets after my death” – foi tudo quanto ousou imaginar entre dificuldades de dinheiro, orfandade, ataques de críticos invejosos, doenças, mortes e, finalmente, a separação do seu amor.

Diante das velhas escadas, sempre me pergunto de que tamanho seriam as pernas dos nossos antepassados, para galgarem normalmente êstes degraus que nos parecem tão difíceis. Aqui, particularmente, detenho-me a pensar como aquele moço tão doente, tão carregado de aflições e de saudades, vindo da Inglaterra já como um ser “póstumo”, sem possibilidades de se entregar à beleza de Nápoles, – tão rica, no entanto, de prestígio e sedução – teria subido por esta casa, já tão sem fôlego, com vida apenas para três meses...

Aperta-me o coração, quando transponho esta porta: como se houvesse um milagre, e fosse possível encontrá-lo. Como se acabasse de escrever: “A thing of beauty is a joy for ever” – e tivesse pôsto os dois pontos, e fosse prosseguir...

Todo o ambiente está impregnado de alguma coisa que não se encontra numa casa comum. Dir-se-ia que nunca mais ninguém aqui pisou depois dos passos do poeta. Que tudo o mais foi inexistente, sem memória e sem valor.

O quarto é pequeno, – estreito e comprido, – mas alto: leves flores de azul muito brando, no teto. Uma brancura geral de estuque, de gesso fôsko, – e uma lareira ou consolo de mármore branco, – que não sei se é daquele tempo.

Relembro sua vida, curta e dolorosa. Sua paixão de adolescente pela mitologia. Seu encontro com a “Eneida”, que traduziu aos quinze anos. (Ah! Vergílio, sempre Vergílio, a nutrir os grandes poetas do mundo...) Suas primeiras tentativas de poesia, já tão altas, para um adolescente. Seu encontro com Shelley. A admiração de alguns amigos prestimosos. A malignidade da inveja. Seu trabalho obstinado. (Quantos jovens poetas de vinte e dois anos seriam capazes de ter escrito esse poema que se chama

“Endymion”?) E o amor. O amor cheio de tanto encantamento, tão deslumbrado que nem imagina a distância que vai de si ao seu objeto. Como poderia a amada Fanny descobrir que aquele apaixonado noivo já era um grande poeta, e suas palavras seriam dedicadamente recolhidas, meditadas, estudadas, e que ficariam aqui neste Museu, neste quarto que o viu morrer, seus escritos, suas máscaras, sua vida eternizada...? Oh, destino dos pobres amantes sem adivinhação! Pois aquele John Keats, aquele rapaz travesso que só queria rabiscar poesia, e que a amava tão ternamente, e que só se deixou arrancar ao seu amor para procurar na Itália a vida que lhe ia faltando – ia ser uma celebridade, que gente de longe, comovida até as lágrimas, visitaria, no Cemitério Protestante, ou nesta casa, quando passasse por esta cidade de Roma, tão abundante de outras coisas inesquecíveis?

The was a naughty boy
And a naughty boy was he,
For nothing would he do
But scribble poetry...

A história de uma vida de vinte e cinco anos pode ser resumida em poucas linhas. Neste caso, porém, as linhas são muito densas, pelo peso do sofrimento que arrastam. Será pouco, sentir-se este moço cheio de imaginação e de ritmo, de amor e de verdadeiro dom poético chegar a um país como a Itália, onde tudo parece estar cantando mil histórias, e, apesar de tão novo, já não poder dizer mais nada, já não poder ouvir mais nada senão a presença da morte que, mais poderosa que a distância, o afastaria daquele amor juvenil – amor que hoje parece apenas uma alegoria, um sonho de configuração humana, um desenho parado nas brumas frias da Inglaterra? (E pensar que aquilo foi um dia a própria vida do poeta! E que muitos destes versos foram feitos de lágrimas, de agonias, de esperanças, ora luminosas ora desfalecentes!)

“Endymion” está na parede, na bela, fluida, inteligente letra do seu imortal autor. E ninguém se parece mais com a figura da lenda que o próprio poeta morto, adormecido tão jovem, na sua singular beleza: e de sua máscara mortuária exala-se uma luz que parece mesmo a da Lua enamorada, pairando eternamente sobre o seu sono.

Assim, neste pequeno quarto, assistido apenas por seu amigo, o pintor Severn, morreu este poeta para quem cada dia não tinha o mesmo valor que para os outros homens: porque cada dia, para um autêntico poeta, é um descobrimento, uma invenção, um novo ponto de vista no mundo dos homens, uma seta desfechada na direção dos segretos mundos.

Repousa tão docemente, no desenho final: os cabelos banhados de suor, escorrem-lhe pelas têmporas, pela fronte. Tem as pálpebras descidas. Talvez durma, porque são três horas da madrugada. A boca...

“Young mouth, young mouth eternally resigned” – disse Rainer Maria Rilke, diante do melancólico retrato.

Também a máscara parece pronta a abrir os olhos, e sentem-se os lábios, cheios de versos, como se um pequeno sopro os fizesse falar...

Olho a paisagem, pela janela. As coisas que êle viu nesta praça que não deve ter mudado muito. A escadaria que sobe e que se perde na altura. A barca, de Bernini, parada, em baixo – essa estranha fonte. Como podiam estar todos êsses símbolos conciliados, em redor de um poeta moribundo? Como se a barca esperasse, para a viagem final. Como se a escada o convidasse para a definitiva subida. E ali morria.

Há lembranças do generoso Shelley: uma triste lembrança, esta, de um pedaço de osso, que alguém recolheu da sua pira. (Ontem, disseram-me que seu coração estava enterrado em Roma; hoje, dizem-me que foi levado para Londres, pela sua mulher. Nunca se sabe nada com muita segurança... E esta máscara de Keats, a máscara de morte, que tenho diante dos olhos, já vi em algum lugar como se fosse de Baudelaire...)

Não se ousa dizer nada: Endimião dorme. Pensa-se, apenas – pensa-se com extrema delicadeza nessas vidas mitológicas de Endimião e de Ariel que, tão longe de sua terra de nascimento, viriam descansar juntas, depois de tantas tempestades e fadigas.

A linda casa é a sua definitiva casa – deles e de Severn, o amigo fiel, que sofreu, lado a lado, a agonia do poeta, desde a sua partida da Inglaterra – no barco de saudade, na quarentena de Nápoles, na viagem de Nápoles a Roma.

Um nobre silêncio vive nestas estantes repletas de livros, passa por estes quadros, pousa sobre cada folha de papel com invisível mão. O visitante que chega aqui sente-se dividido por duas emoções: uma, de saudade quase triste, por saber quanto se sofreu neste pequeno aposento, e como foi breve esta vida, que se desejaria longa e vitoriosa; outra, de felicidade, por sentir que nada disto está morto, que a poesia verdadeira é uma coisa sem limites, sem fim, livro do tempo e dos homens, só comparável à própria alma.

E foi bom que isto aconteceu em Roma, esta cidade de mitos e fábulas, com seus deuses e imperadores, suas grandezas e suas ruínas, seus mistérios humanos e divinos. Foi bom que ficassem aqui Endimião e Ariel, como se na verdade não tivessem existido, deixando-nos, apenas, sonhar que existiram, amaram, sofreram e escreveram – tudo em termos de alegoria.

Este é um dia para ser amado: ninguém perturba a nossa contemplação, ninguém nos mostra nem explica. Visitamos esses jovens amigos como se também não tivéssemos corpo nem voz. Descemos esta escada tão difícil, inesquecível em cada degrau. O ar da rua não dissipa o mistério doce e amargo que trazemos nos olhos e no coração.

A “Barcaccia” espera sempre, a “Barcaccia” apenas de água tripulada... A escadaria sobe, eleva-se, voa para o obelisco e as torres da Igreja, singularmente associados. A florista oferece suas flores gotejantes – de todas as cores – com longas hastes virentes... E os transeuntes vão vivendo o seu dia de hoje, este dia de que mais tarde também se dirá: “Foi há cento e tantos anos...”.

Considerações finais

O texto “Piazza di Spagna, 26”, de Cecília Meireles, publicado em 1955, alguns anos após a viagem à Itália, revela a admiração que ela tinha pela poesia romântica dos ingleses. O fato de o poeta Keats

morrer ainda jovem e escrever com tanta maestria leva a escritora carioca a refletir sobre a efemeridade da existência, um dos temas caros ao seu fazer poético. E a efemeridade está não apenas na existência curta, mas isso se manifesta também na história de amor rápida.

Os detalhes lhe chamam a atenção, levando o leitor a explorar o apartamento de Keats junto com ela. Conhecem-se as formas, as cores, o forro do quarto, quase a disposição dos móveis, a visão que o poeta tinha da janela, sua dificuldade para subir as escadarias que de um lado que levava à Igreja *Trinità dei Monti* e de outro a *Barcaccia*, de Bernini, como alegorias da transitoriedade da água, do barco que navega e afunda, do caminho difícil que leva ao transcendente.

O texto ceciliano reportando à visita ao apartamento em que Keats e Severn conviveram na *Piazza di Spagna, 26*, mesmo se escrito já há tanto tempo, continua atual. Aquele ambiente transformado em memorial dedicado aos poetas românticos no começo do século XX e conhecido como “Keats-Shelley Memorial House” continua inspirando escritores e admiradores que bebem nessas fontes.

Tudo o que foi escrito alude às tantas referências elencadas por Cecília Meireles em seu texto “Piazza de Spagna, 26” em sua visita ao local em que esteve, por um curto período, o jovem escritor John Keats até a sua morte. Há, além dos objetos que impulsionam recordações, outros tantos que dizem respeito aos episódios, nem sempre felizes, da vida do escritor. Cecília filosofa, faz ligações, interpreta os fatos, explica. Tudo ganha a uma dimensão enorme, uma ilação que é explicitada, emocionalmente, pela poeta carioca.

O texto “Piazza de Spagna, 26”, endereço tão conhecido no *Campo Marzio* permanece como uma vitória da vida sobre a morte e um sinal evidente de que o poeta inglês está entre os grandes escritores ingleses, como almejou um dia.

Referências

KEATS, John. From Endymion / Do Endymion. In: CAMPOS, Augusto de. *Byron e Keats: entreversos*. Tradução de Augusto de Campos. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

KEATS, John. *Letters of John Keats to his family and friends*. London: Macmillan, 2011. Start of the Project Gutenberg - eBook. Available in: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/35698/pg35698-images.html>. Accessed: May 19, 2024.

MEIRELES, Cecília. À sombra da Pirâmide de Cestius. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 out. 1955. Suplemento Literário, p. 1.

MEIRELES, Cecília. *Nostalgie Romane: saudades romanas*. Introduzione e traduzione di Mercedes La Valle. São Paulo: Ítalo-Latino-Americana Palma, 1991.

MEIRELES, Cecília. Piazza di Spagna, 26. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1955. Suplemento Literário, p. 1, p. 4.

MEIRELES, Cecília. *Poemas Italianos*. Tradução de Edoardo Bizzarri. São Paulo: Instituto Ítalo-Brasileiro, 1968.

MEIRELES, Cecília. *Solombra*. São Paulo: Global Editora, 1963.

MEIRELES, Cecília. Writ in water. In: MEIRELES, Cecília. *Poemas Italianos*. Tradução de Edoardo Bizzarri. São Paulo: Instituto Ítalo-Brasileiro, 1968, p. 91.

REIMAN, Donald Henry. Percy Bysshe Shelley. In: ENCYCLOPEDIA Britannica, Jul. 4, 2024. Available in: <https://www.britannica.com/biography/Percy-Bysshe-Shelley>. Accessed: Jul. 23, 2024.

RILKE, Rainer Maria. *Keats, Shelley & Rome: An Illustrated Miscellany*: New York, NY: Haskell House Publishers, 1975, p. 49. Available in: https://books.google.com.br/books/about/Keats_Shelley_Rome.html?id=LRnfU1hOW-wC&redir_esc=y. Accessed: May 20, 2024.

SHAKESPEARE, William. Ariel's Song (Full Fathom Five). In: PotW.org. *Poem of the Week*. Aug. 1996. Available in: <https://www.potw.org/archive/potw190.html>. Accessed: May 20, 2024.

Recebido em 26 de julho de 2024.

Aprovado em 27 de outubro de 2024.

Resumo/Abstract

“Piazza di Spagna, 26”, de Cecília Meireles

Delvanir Lopes

Este artigo trata de um texto ceciliano até este momento apenas publicado em um periódico, o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 1955, alguns anos após a viagem feita pela escritora à Itália, junto com o seu então marido Heitor Vinícius da Silveira Grillo (1902-1971). O texto de Cecília Meireles, intitulado “Piazza di Spagna, 26” traz uma série de referências importantes sobre o habitante do endereço que dá nome ao texto: John Keats (1795-1821), escritor do Romantismo inglês. Na escadaria que leva à Igreja *Trinità dei Monti*, próxima à *Fontana della Barcaccia*, a escritora carioca vai traçando, junto ao seu sentimento quando adentra à casa, episódios da vida do poeta e de suas obras.

Palavras-chave: Cecília Meireles, “Piazza di Spagna, 26”, John Keats, *Endymion*, *Poemas Italianos*.

“Piazza di Spagna, 26” by Cecília Meireles

Delvanir Lopes

This article deals with a Cecilian text that until now had only been published in the periodical *Diário de Notícias* from Rio de Janeiro in 1955 a few years after the writer's trip to Italy, together with her then husband Heitor Vinícius da Silveira Grillo (1902-1971). The text by Cecília Meireles, entitled “Piazza di Spagna, 26” contains a series of important references about the inhabitant of the address that gives the text its name: John Keats (1795-1821), writer of English Romanticism. On the stairs that lead to the *Trinità dei Monti* church, close to the *Fontana della Barcaccia*, the Rio writer traces, along with her feelings when she enters the house, episodes from the poet's life and his works.

Keywords: Cecília Meireles, “Piazza di Spagna, 26”, John Keats, *Endymion*, *Poemas Italianos*.